

Depois de se reunir com mais de 120 médicos da maior unidade hospitalar do DF, que ameaçaram parar por falta de condições, secretário decide despachar no local

S.O.S. para o Hospital de Base

CECÍLIA BRANDIM

DA EQUIPE DO CORREIO

Acrise no Hospital de Base (HBDF) chegou ao limite. Depois da ameaça de paralisação de mais de cem médicos de diversos setores do atendimento na próxima segunda-feira, o secretário de Saúde, José Geraldo Maciel, decidiu assumir pessoalmente a tarefa de devolver ao maior hospital do Distrito Federal a qualidade no serviço. A partir de terça-feira, vai trabalhar dentro do HBDF pelo menos três vezes na semana, por tempo indeterminado.

Ontem pela manhã, ele se reuniu com mais de 120 médicos por cerca de duas horas, a portas fechadas, no auditório do hospital. Desde segunda-feira, médicos da área de neurocirurgia tinham suspendido as cirurgias eletivas (não-emergenciais). Pelo menos cinco procedimentos deixaram de ser feitos. No início da próxima semana, eles se reúnem para decidir se retomam as atividades.

Maciel ouviu dos profissionais reclamações que vinham sendo feitas por meio de relatórios enviados à secretaria desde que ele assumiu, em março. O Correio teve acesso ao relatório da Unidade de Cirurgia Geral, assinado por 21 profissionais no dia 19 de maio. Problemas como falta de roupa de cama, formulários de pedidos de exames, remédios e até papel, ou ainda a perda frequente de prescrições médicas foram apontados. O relatório também foi encaminhado ao Conselho Regional de Medicina, à Promotoria de Defesa da Saúde,

Marcelo Ferreira/CB



EMERGÊNCIA NO CORREDOR: MÉDICOS APONTAM FALTA DE ROUPAS, REMÉDIOS, FOMULÁRIOS DE PEDIDOS DE EXAMES...

ao Sindicato dos Médicos e à Associação Médica de Brasília.

Segundo os médicos, 554 cirurgias foram suspensas de janeiro a abril. "As causas são variadas, mas com certeza as que aparecem nas estatísticas oficiais não correspondem à verdade, já que o sistema de informações do centro cirúrgico não prevê, por exemplo, a falta de roupas esterilizadas. Isso ocorre diariamente, tornando normal o atraso ou a suspensão de cirurgias." O relatório menciona o caso de G.J.A, 37 anos, que deveria ser submetido à retirada de um tumor maligno em 28 de abril e "não foi, pelo grave e crônico problema de roupas no centro cirúrgico".

Para o diretor do hospital, José Carlos Quinaglia, a situação mais crítica é a da cirurgia. Há 16 salas, mas só 12 são usadas. Três são para procedimentos emergenciais, que estão longe de dar conta da demanda. Logo cedo, todos os dias, há uma média de cinco cirurgias para cada sala. As outras oito unidades são destinadas aos casos agendados. "Constantemente, os médicos são obrigados a escolher o paciente que será operado levando em conta a gravidade", reconhece Quinaglia.

Choque de melhorias

Metade da Unidade de Terapia Intensiva está desativada. A área é destinada a serviços adminis-

trativos. Na Emergência, faltam profissionais. Cada dupla de auxiliares de enfermagem é obrigada a cuidar de até 40 pacientes. Não há tempo sequer para abrir prontuários. Desde outubro passado não são realizados transplantes de medula óssea e de córnea. "Não há que se falar em transplantes sem infra-estrutura", aponta o relatório.

Os médicos também alertam para a falta de remédios, insumos como cateteres e anestésicos, equipamentos básicos como bisturis elétricos, monitores de pressão, ou mais complexos como aparelhos de raios X e mesas cirúrgicas. A secretaria anunciou um gasto de R\$ 42 milhões em

CARENCIAS

554

cirurgias foram suspensas de janeiro a abril deste ano, no HBDF. Falta tudo, de equipamentos básicos a remédios e roupas

abril e maio na compra de insumos, materiais e medicamentos. "Estamos pedindo à secretaria que negocie a antecipação das entregas", disse Maciel, que reconhece a necessidade de "um choque de melhorias" no HBDF.

O secretário garantiu que outra compra, no valor de R\$ 13 milhões, está sendo feita. Com os outros hospitais e postos de saúde, serão gastos R\$ 19 milhões. A verba, segundo ele, é do orçamento do governo, incluindo recursos da área federal. Maciel não quis comentar por que o dinheiro não vinha sendo gasto.

A presidente do Conselho Regional de Medicina, Lucianne Reis, disse que foi dado um passo positivo, mas que é preciso cautela. "O secretário, montando um gabinete no hospital, ganha mais prazo. Demos um voto de confiança, mas se no final ele não mostrar que vai conseguir reverter a situação, teremos perdido pelo menos um mês." O cirurgião pediátrico Hélio Bison saiu com esperanças da reunião. "Já ultrapassamos o limite há muito. Não aguentamos mais contemporizar os problemas. Para qualquer lugar que se olhe nesse hospital, há um desrespeito ao ser humano."